

## A QUESTÃO DA TÉCNICA EM MARTIN HEIDEGGER

José Erivaldo da Ponte Prado - UECE

### Resumo:

A civilização ocidental contemporânea tem, inegavelmente, entre suas maiores características o avanço científico-tecnológico. O discurso filosófico contemporâneo, por sua vez, tem evidenciado em suas formulações éticas uma sobeja preocupação com a questão da tecnologia em relação à existência humana no mundo. A reflexão do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) contextualiza-se a partir do bojo das questões candentes que norteiam as principais indagações elaboradas pelo pensamento contemporâneo. A problematização da técnica, da liberdade e do sentido da existência é uma delas.

**Palavras-chave:** Heidegger. Técnica. Ontologia. Ser. Homem.

### Abstract:

The Westerner contemporary civilization has, am without a doubt ong your characteristic larger characteristics the scientific-technological progress. The contemporary philosophical speech, for your time, it has been evidencing, in your ethical formulations a strong concern with the subject of the technology in relation to the human existence in the world. The German philosopher's Martin Heidegger reflection (1889-1976) contextualiza-if starting from the salience of the candescent subjects that orientate the main inquiries elaborated by the thought countporâneo.The problem of the technique, of the freedom and of the sense of the existence it belongs one to them.

**Key-words:** Heidegger. Technique. Ontologia, Being. Man.

## INTRODUÇÃO

Com este trabalho temos a pretensão de tratar sobre a questão da técnica<sup>1</sup> a partir do pensamento de Martin Heidegger<sup>2</sup>. Nesta perspectiva, focaremos essa problemática da técnica que, desde meados do século XIX, por exemplo, várias conquistas, entre elas científicas, tem se apresentado como forma de mudanças na sociedade. Tais avanços e descobertas tecnológicas trouxeram consigo a certeza de que vivemos no melhor dos mundos possíveis.

---

<sup>1</sup> Esta questão foi dada a partir de uma conferência pronunciada aos 18 de novembro de 1953, no Auditorium Maximum da *Technische Hochschule* (Escola Técnica Superior) de Munique, na série “*Die Künste im technischen Zeitalter*” (As artes na Idade da Técnica) promovida pela Bayerische Akademie der schön Künste (Academia de Belas-Artes da Baviera), sob a direção do presidente Emil Pratorius e publicado no terceiro volume do Anuário da Academia (jahrbuch, redação de Clemens Graf Podewils), R. Oldenburg, Munique, 1954, p.70s. (HEIDEGGER, 2002, p.250).

<sup>2</sup> Martin Heidegger, filósofo alemão, nasceu em Messkirch (Grãoducado de Baden), em 1889 e morreu em Maio de 1976, em Freiburg-im-Breisgau. (HEIDEGGER. *Conferências e Escritos filosóficos*, 1979, p. 5-6).

Nesse sentido, a tecnologia, na modernidade, tornou-se a tal ponto indispensável que não concebemos mais a possibilidade os mecanismos de controle etc. Surge então a interrogação: como pensar a técnica e seus produtos? Ela é um bem ou um mal? Ou ambas as coisas? Será possível controlar a técnica a fim de que dela resultem apenas coisas boas? O que é, afinal, a técnica? O que Heidegger tem a nos dizer sobre o assunto?

Nessa perspectiva, temos como pressuposto o pensamento de Heidegger, a partir de 1930, que envereda sobre a questão da técnica, preocupação central para a sociedade contemporânea que, ainda hoje, essa visão otimista da técnica é posta em questão.

### A QUESTÃO DA TÉCNICA

O pensamento de Heidegger sobre a questão da técnica oferece ferramentas que nos permite pensar a tecnologia na sociedade contemporânea, na sua relação com a natureza, com o mundo, com os objetos e mesmo com os próprios elementos tecnológicos vigente. Há uma necessidade de se pensar a atual aniquilação dos valores humanos que conduzem a humanidade a um bem viver em face à atual supervalorização técnico-científica.

Heidegger faz referência à técnica em sua pesquisa sobre o sentido do ser, mas só começa a problematizá-la ao perceber sua conexão com o destino da história na era que se chamou de acabamento da metafísica. Em outras palavras, a técnica representa o fim da metafísica. A técnica moderna vincula a esse momento, nota, é algo distinto da metafísica tradicional antiga, que só pode ser compreendida mediante a análise do ente, como tal, em sua totalidade, no Ocidente.

Heidegger vê o seu tempo com o apurado olhar de filósofo: tempo em que a razão foi reduzida ao cientificismo; época em que o próprio homem se viu reduzido a “homem científico”<sup>3</sup>. Além disso, percebe que a filosofia da subjetividade pretende converter os grandes problemas da humanidade em fórmulas passíveis de manipulação por operadores lógicos, como também testemunha a grande ilusão do homem moderno:

---

<sup>3</sup> Para Heidegger a ciência (o conhecimento) é um modo de ser do homem. A ciência é uma “ocupação” (Besorgen) dentre outras — a palavra “ocupação” significa os diversos modos de ser-em do Dasein. “Ter o que fazer com alguma coisa, produzir alguma coisa, tratar e cuidar de alguma coisa, aplicar alguma coisa, fazer desaparecer com alguma ou deixar perder-se alguma coisa, empreender, impor, pesquisar, interrogar, considerar, discutir, determinar. Estes modos de ser-em possuem o modo de ser da ‘ocupação’”. Cf. HEIDEGGER, 1997, parágrafo 12, p. 95.

achar que é o senhor da história, ou seja, senhor dos entes.

Heidegger, contudo, denuncia o perigo da razão técnico-científica, e rompe, então, com a idéia de um tipo de racionalidade que obscurece a incapacidade humana de descobrir - não como atividade humana, mas como acontecimento que o perpassa - o ser dos entes que permanece oculto.

O homem, nesse sentido, é impelido, “lançado” para frente do mecanismo de controle, deixando de perceber que ele mesmo, como ente, desvincula-se da sua própria essência como ser no mundo. A partir desse momento é oportuno que se indague acerca da questão da técnica para então identificarmos o perigo que “está por trás” dessa novidade tecnológica que surgiu na modernidade.

Na modernidade, a falta de sentido parece ser um traço e uma preocupação constante e instigante para a existência humana. A consciência profundamente radicada no cerne da consciência moderna de que a modernidade [a era da técnica] é a era do progresso deixa a impressão de que o homem pode, facilmente, manipulá-la. Mas, o que se percebe é o contrário: o homem é manipulado por aquilo que cada vez mais tenta controlar.

A princípio, é o século XVII, época de Descartes, que converte o homem em “senhor e possuidor da natureza”, através de uma razão infinita e, por isso, capaz de explorar a infinitude do universo. A partir da modernidade o homem deposita na ciência toda confiança na solução de seus problemas de forma imediata. Segundo a concepção de Heidegger, a técnica moderna é:

[...] um meio inventado e produzido pelos homens, isto é, um instrumento de realização de fins industriais, no sentido mais lato, propostos pelo homem. A técnica moderna é, enquanto instrumento em questão, a aplicação prática da ciência moderna da natureza. A técnica industrial fundada sobre a ciência moderna é um domínio particular no interior da civilização moderna. A técnica moderna é a continuação progressiva, gradualmente aperfeiçoada, da velha técnica artesanal segundo as possibilidades fornecidas pela civilização moderna. A técnica moderna exige, enquanto instrumento humano assim definido, ser igualmente colocada sob o controle do homem e que o homem se assegure do domínio sobre ela assim como da sua própria fabricação. (HEIDEGGER, 1970, p. 15-16).

É, por assim dizer, na cultura ocidental que esse aparato técnico encontra seu apoio, não porque construiu máquinas a vapor e motores elétricos; coisas do tipo aí se encontram porque estamos na era da técnica. A técnica nos tempos modernos define uma época, porque não é um simples meio do homem se tornar sujeito da história. Ao

invés disso, é um modo pré-decidiado de interpretação do mundo, que determina não apenas os meios de transporte, o fornecimento de alimentos e a indústria de lazer, mas, em suas possibilidades próprias, todas as atitudes do homem.

É nessa discussão que apontamos para a questão da técnica mediante a sua estrutura de dominação, razão pela qual pensamos na própria existência humana, pois em Heidegger encontramos referências muito significativas para pensar o problema do bem viver e do futuro do homem na era da tecnocultura nessa quadra inicial do século XXI.

Quando falamos hoje em técnica<sup>4</sup>, o nosso entendimento fica-se pelas técnicas das máquinas do período industrial. Assim, o que torna a reflexão heideggeriana no que diz respeito à técnica é pouco usual e talvez difícil de compreender, em virtude do fato de que o filósofo não volta sua reflexão para os próprios aparelhos técnicos a fim de considerá-los como perigo, mas, antes, procura pensar a técnica em sua *essência* [onde emana o perigo], no seu modo de ser, sem se deixar contaminar pelos juízos previamente difundidos sobre seus benefícios ou malefícios.

Entretanto, esta caracterização já se tornou inexata porque no interior do período industrial moderno verificamos uma primeira e uma segunda revolução técnica. A primeira, segundo Heidegger, consiste na passagem da técnica do artesanato e da manufatura à técnica das máquinas com motor. Já a segunda revolução técnica, consiste na introdução e no triunfo da maior automação possível, cujo princípio de base é definido pela técnica da regulação e da direção, a cibernética.

---

<sup>4</sup> O termo técnica deriva do grego *technikon*. Isto designa o que pertence à *techne*. Este termo tem, desde o começo da língua grega, a mesma significação que *episteme* quer dizer: velar sobre uma coisa, compreendê-la. *Techne* quer dizer: conhecer-se em qualquer coisa, mais precisamente no facto de reproduzir qualquer coisa. Mas para apreender verdadeiramente a *techne* pensada à maneira grega bem como para compreender convenientemente a técnica posterior ou moderna, isso depende de que pensemos o termo grego no seu sentido grego, e de que evitemos projetar sobre este termo representações posteriores ou atuais. *Techne*: conhecer-se no acto de produzir. Conhecer-se é um gênero de conhecimento, de reconhecimento e de saber. O fundamento do conhecer repousa, na experiência-grega, sobre o fato de abrir, de tornar manifesto o que é dado como presente. No entanto, o produzir pensado à maneira grega não significa tanto fabricar, manipular e operar, mas mais o que o termo alemão *herstellen* quer dizer literalmente: *stellen*, pôr, fazer levantar, *her*, fazendo vir para aqui, para o manifesto, aquilo que anteriormente não era dado como presente. Para falar de maneira elíptica e sucinta: *techne* não é um conceito do fazer, mas um conceito do saber. *Techne* e também técnica querem dizer que qualquer coisa está posta (*gestellt*) no manifesto, acessível e disponível, e é dada enquanto presente à sua posição (*Stand*). (HEIDEGGER, 1999, p. 21-22).

Para Heidegger, por um lado, a técnica moderna é um meio inventado e produzindo pelos homens, isto é, um instrumento de realização de fins industriais proposto pelo homem na sua relação com a natureza. De outro, como instrumento em questão, é aplicação prática da ciência moderna da natureza fundada sobre um domínio particular no interior da civilização da sociedade moderna. Além disso, enquanto instrumento humano assim definido, a técnica moderna exige ser igualmente colocada sob o controle do homem, e que o homem se assegure do domínio sobre ela assim como da sua própria fabricação. A partir dessa análise, Heidegger comenta:

[...] A civilização em si tem por finalidade cultivar, desenvolver e proteger o ser-homem do homem, a sua humanidade. É aqui que situa a mais debatida questão: será que a cultura técnica – e, por conseguinte a própria técnica – contribuiu em geral, e se sim em que sentido, para a cultura humana (*Menschheitsbildung*), ou arruína-a e ameaça-a. (HEIDEGGER, 1999, p. 17).

A técnica moderna, caracterizada pela máquina e aparelhagem como instrumento da ação do homem, tem uma relação com a física como ciência experimental mediada por especulações científicas. Mas, a questão crucial é descobrir a essência da técnica moderna a qual utiliza às ciências exatas da natureza, entre elas a matemática, “que é a ciência mais rigorosa e de estrutura mais consistente” (HEIDEGGER, 1997, p. 35) para a dominação da terra.

Nesse contexto, a produção de materiais, o uso de ferramentas, aparelhos e máquinas são instrumentos pertencentes à utilidade técnica que servem para atividade humana como mecanismo [antropológico] da prática exercida em um determinado lugar. Apesar de tudo, podemos identificar várias conquistas do homem na sociedade moderna com o advento da ciência e da tecnologia. Entre elas, a técnica artesanal mais antiga, usinas, geradores, avião, enfim diversos instrumentos que servem para um fim estabelecido pelo homem que dão sentido à sua vida cotidiana na história.

Não podemos excluir do movimento histórico o comportamento teórico e prático do homem perante a natureza. O homem é um ser de relações [com a natureza e com os outros homens] e o seu processo de autoconstrução se dá a partir desse interagir. No que diz respeito à sua relação com a natureza podemos dizer que o homem é parte da natureza, pois se encontra nela inserido, imerso; mas, ao mesmo tempo, é o único ser capaz de se contrapor a ela, de objetivá-la, ou seja, de se fazer senhor teórico e prático da mesma.

Na realidade, a técnica, como se apresenta na modernidade, apóia-se na premissa de que ela é um meio ou extensão do saber, do poder de ação ou da necessidade de sobrevivência do homem, ora entendido como animal dotado de inteligência, ora entendido como sujeito criador de cultura. Assim, na medida em que reina na técnica o princípio do saber, ela fornece a partir de si própria a possibilidade e a exigência de uma formação particular do seu próprio saber ao mesmo que se apresenta e se desenvolve uma ciência que lhe corresponde.

Para Heidegger, o perigo se encontra na busca desenfreada da dominação técnica, que escapa ao controle do homem. Isto é, a dominação da técnica por meio do conhecimento [saber] pode induzir o homem ao descontrole de sua atividade prática exercida no mundo, de tal modo que:

[...] com a dominação absoluta da técnica moderna cresce o poder – tanto a exigência como a eficácia da língua técnica adaptada para cobrir a latitude de informações mais vasta possível. É porque se desenvolve em sistemas de mensagens e de sinalizações formais que a língua técnica é a agressão mais violenta e mais perigosa contra o caráter próprio da língua, o dizer como mostrar e fazer aparecer o presente e o ausente, a realidade no sentido mais lato [...] (HEIDEGGER, 1999, p.37).

Por isto, o grito alarmante, lançado freqüentemente, a saber, que o percurso da técnica deve ser dominado, o seu risco sempre mais forte para as novas possibilidades de desenvolvimento submetido ao controle, testemunha por si só a apreensão que se espalha no mundo. O homem se vê reduzido à perplexidade e a impotência, quer dizer, à necessidade de se conformar, pura e simplesmente, ao caráter irresistível da dominação tecnológica.

A técnica é a mobilização do mundo mediante a figura do trabalhador, e o trabalho se identifica com o ente. Na figura do trabalhador e no seu domínio não se vê mais a subjetividade do ser humano. A técnica não é formada pela elaboração de material, mas se dá no âmbito do *desencobrimeto*, um mecanismo que aparece por meio da produção como atividade exercida pelo homem em seu trabalho<sup>5</sup>. Este

---

<sup>5</sup> Trabalho quer dizer, metafisicamente falando, o mesmo que Ser, pois é o mesmo que a vontade de potência. A presença da essência do trabalho se esclarece pela figura do trabalhador, pois a representação da presença é seu domínio enquanto uma nova etapa e especial vontade de potência, só que esta parece fundamentar-se na essência do trabalho. Portanto, o problema se radicaliza entre o Ser e o homem, pois a figura do trabalhador como aquele que conhece e experimenta o novo e especial no trabalho, enquanto caráter total da realidade do real, deve integrar-se em algo mais originário. A presença da figura do trabalhador constitui o poder. A representação da presença é seu domínio, sendo uma nova e especial vontade de potência. O domínio é, hoje, apenas possível como representação da figura do trabalhador.

desencobrimto realizado pela atividade produtiva é a verdade que se dá por meio do conhecimento. No descobrir é cumprido a produção, a realização da atividade.

Diante dessa realidade, qual o mecanismo utilizado e quais são as implicações disso para a sociedade? Heidegger deduz a questão desse *desencobrimto* afirmando que “o desencobrimto, que rege a técnica moderna, é uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada” (HEIDEGGER, 2002, p. 18-19). Esta ação que se dá por meio da ação humana é desenvolvida na sua relação com a terra, ou seja, é na agricultura que se produz elementos essenciais para a vida humana.

Em contrapartida, a técnica tradicional não força a natureza, não é uma exploração, ao passo que hoje em dia explora-se a natureza. Antes, porém, havia uma relação de harmonia com a natureza, o cuidado com a terra no sentido de plantar e proteger o ambiente. Ao contrário disso, os locais para o desenvolvimento de produtos são explorados. Isto é, na modernidade com o aparecimento da técnica, a agricultura tornou-se uma indústria motorizada de alimentação. Por exemplo, explora-se o ar para obter nitrogênio, o sol para obter minerais, os minerais para conseguir urânio, e este para conseguir energia atômica, que por sua vez será explorada para fins pacíficos ou destrutivos.

Na Grécia antiga foi cunhada a expressão *technè* como uma forma de conhecimento que provoca uma abertura. A *technè* não significa técnica, no sentido [moderno] de métodos e atos de produção, nem *arte*, no sentido amplo [medieval] de habilidade para produzir alguma coisa. Antes, *technè* é uma forma de conhecimento [desses processos, métodos e habilidades]; significa: conhecer de dentro, isto é, possuir familiaridade com o que está na base de cada ato de feitura ou produção. Como nos diz Rüdiger:

A técnica é o movimento essencial que faz surgir algo e sua essência está em revelar à percepção esse movimento no próprio momento de aparição; é o conhecimento em ato da relação entre o que se revela e o que ainda está velado ou encoberto. A expressão, originalmente, “não significa, portanto, um tipo de atividade entendido como finalização da produção, mas o preparo e a prontidão de cada dimensão do desencobrimto”. Significa a prontidão do

---

Trabalho, no sentido supremo e que perpassa toda mobilização, é a representação da figura do trabalhador. A técnica é o modo pelo qual a figura do trabalhador mobiliza o mundo. (GILES, 1989, p.122).

âmbito sempre diverso em que algo se revela, esse âmbito no qual é produzido, via técnica, se revela e se coloca no interior dessa esfera. (RÜDIGER, 2006, p.79)

Heidegger observa que a energia extraída da natureza passa a ser explorada como instrumento da própria ação humana. Diante disso, a consequência permeia o *desencobrimto* caracterizado por modos de extração, transformação, distribuição e reprocessamento, empregado por meio de um mecanismo de controle que induz ao homem a buscar na instrumentalidade meios para determinadas finalidades.

Ademais, quem poderia está agindo dessa maneira no mundo? É o homem, portanto, nas palavras de Heidegger, que realiza a exploração, mas não tem em seu poder o *desencobrimto*, apenas participa da dis-posição deste *desencobrimto*. É por meio do *desencobrimto*, nesse sentido, que o homem, na relação com a natureza, empreende uma ‘corrida’ mediante os meios materiais, e daí surge à técnica como objeto de exploração.

O aparecimento de se dá em virtude das especulações científicas que o homem utiliza como forma de representação do mundo. Esses homens vêem, no máximo, suas próprias sombras, sem reconhecê-las como tais; eles se encontram totalmente entregues ao que lhes é dado. Não têm nenhum relacionamento consigo mesmos. Esta situação se dá por meio da cotidianidade na medida em que o homem se entrega ao imediato, ou seja, a faticidade.

Em todo caso, a técnica não é essencialmente um puro fazer humano, não é um acontecimento que surge primeiramente dentro do âmbito humano, nem mesmo é o homem o agente principal desse acontecimento. Pelo contrário, é o homem quem mais sofre suas consequências. É ele a primeira vítima, o primeiro a ser explorado e provocado por ela, aquele que, mais que qualquer outro ente, e se converte numa simples existência. Mas o que é o homem ante a essa cotidianidade lançado no mundo? Para Heidegger:

O homem é, assim, o ser que se comporta como o sendo, enquanto aberto e manifesto, porque o *acontecimento fundamental* é a visualização (*Erblicken*) da essência das coisas, criativa e antecipadora. Terminologicamente, nós dizemos: a maneira de *ser* homem é a *existência*. Somente o homem existe. (HEIDEGGER, 2007, p.185-186).

Nos anos 1930, Heidegger convenceu-se de que a potência metafísica que os



gregos viam na *physis*<sup>6</sup> nós a vemos, via técnica, no homem. Depois, observará que até isso se perde quando se verifica a transferência desse poderio para a máquina. Encontramo-nos agora em uma época de completo esquecimento da pergunta pelo ser e, também, sem preocupação pelos entes.

A técnica é uma forma de pensar que se articula com os gregos e tem sua essência originária no ser humano, mas por isso mesmo sua essência muda de acordo com o modo como esse ser nos interpela historicamente. Na origem, a forma de saber que é a técnica era uma extensão da *physis*, que era a essência da técnica. Ainda quando desse desentendimento se desligou, não foi de imediato que a técnica passou a ser vista como cálculo. Quem ou o que impõe ou decide esse cálculo e seus projetos futuristas, portanto, é que é a questão essência da técnica, é que responde à pergunta sobre qual é a essência da técnica ou o sentido da técnica moderna.

O sentido se reduz ao exercício de poderio e ao controle sobre a existência, de modo que a subjetividade, embora emancipada em relação à natureza na era moderna, tende à anulação. O processo não é, porém, o de sua superação ou transcendência imediata. A subjetividade é, primeiro, “tranqüilizada”, confortada, posta a funcionar de modo constante e regular, ainda que em seu horizonte já se alinhe a figura de algum organismo maquinístico. (RÜDIGER, 2006, p.87).

Para Heidegger, o homem se dirige para uma ‘nova etapa’ evolutiva, em que, vencendo os desafios das etapas históricas e pré-histórica, adquire nova liberdade em relação ao mundo da metafísica tradicional, ao mesmo tempo em que se torna cativo de um destino tecnologicamente determinado, que o projeta no plano da “super-humanidade”. Esta determinação instrumental da técnica não nos mostra a sua essência como armação.

A questão não seria, para Heidegger, tentar dominar a técnica ou pô-la a nosso serviço, mas entender que, em última instância, sua essência remete ao nosso próprio modo de ser e que, assim como podemos nos reduzir à sua forma de pensamento, podemos também estabelecer uma relação mais livre com ela e nos abirmos a outros modos de ser.

---

<sup>6</sup> Em *Introdução à metafísica* de Heidegger, este termo *physis* significa aquilo que evoca o que sai ou brota de dentro de si mesmo (por exemplo, o brotar de uma rosa), o desabrochar, que se abre, o que nesse despregar-se se manifesta e nêle se retém e permanece; em síntese, o vigor dominante. Em outras palavras, é o céu, a terra, a pedra e a planta, tanto o animal como o homem e a história humana, enquanto obra dos homens e dos deuses. (HEIDEGGER, 1978, p. 44-45).

Originalmente, a técnica era uma projeção da *physis* [“natureza”] e, em essência, portanto, muito mais um modo de ser do que pensar, o que ainda é a partir do momento em que passa a depender do que Heidegger chama de o matemático. Esse elemento do cálculo, o matemático, corresponde ao que, em relação à técnica, acabará sendo chamado de armação [Gestell]<sup>7</sup>, de modo que a técnica não é um problema em si mesmo, mas à essência (ou o sentido) da técnica de natureza histórica e filosófica a qual está ligada ao termo Gestell, que Heidegger nomeia de armação.

A partir do aparecimento da técnica na modernidade, por volta da segunda metade do século XVIII, Heidegger investiga a sua essência que é a consequência que pode levar o homem a perda do sentido do ser. Em meio ao mais extremo esquecimento do ser na modernidade, manifesto predomínio negativo dos entes e na total perda de sentido da questão pelo ser, o homem do final da metafísica abandona a verdade como des-velamento originário do ser e se apega tão somente a si mesmo, querendo tão somente a si mesmo como o “funcionário da vontade” que a tudo pretende controlar, calcular e ordenar.

O pensador Heidegger tem a preocupação com essa questão, de natureza histórica e filosófica [historial] devido o pensamento tecnológico que determina a existência<sup>8</sup> humana no mundo. Atualmente, a humanidade satisfaz-se cada vez mais com uma concepção de mundo em que esse se deixa entender como sistema de informações passível de cálculo. A experiência que lhe forneciam os dados sensíveis

---

<sup>7</sup>Na linguagem de Ernildo Stein, este termo é traduzido como Ge-Stell (Gestell) por *arrazoamento*. Somente a coisa mesma que se procura dizer justifica, na falta de termo mais adequado, o emprego de arrazoamento, que, segundo o projeto do *Dicionário da Língua Portuguesa* da ABL, de Antenor Nascentes, significa ato ou efeito de arrazoar: expor, apresentando razões pró ou contra; raciocinar, discorrer, conversar; discutir, alterar com outrem, disputando, argumentar. Heidegger utiliza a palavra *Gestell* (que em alemão significa armação, estante, etc.), proveniente do verbo *stellen*, que tem o sentido de pôr, apontar o lugar, fixar, regular, provocar, exigir contas, contestar, etc., para definir aquele âmbito que se cria pelo confronto entre homem e técnica (homem e natureza a ser transformada pela técnica), na medida em que ambos se provocam, exigem contas um do outro, chamam-se à razão reciprocamente. A palavra arrazoamento exprime também o império da razão que tudo invade pela técnica, que caracteriza uma época em que o homem busca as razões, os fundamentos de tudo, calculando a natureza, e em que a natureza provoca a razão do homem a explorá-la como um fundo de reserva sobre o qual dispõe. Cf. HEIDEGGER In: *O princípio da identidade*, 1979, p.184.

<sup>8</sup> Segundo Manfredo Oliveira, Heidegger denomina o homem de existência, não no sentido que a palavra adquiriu na tradição do pensamento ocidental, mas no sentido de que o homem é essencialmente fora de si, aberto ao ser. O homem tem o ser ou essência na compreensão do ser. Só ele pode ser chamado de existência (Cf. OLIVEIRA, 1990, p. 121).

está sendo substituída pelos símbolos matemáticos obtidos via o computador como meio de exploração do conhecimento científico.

O caráter sistêmico, funcional e automático do processo de exploração do mundo justifica ao filósofo chamar ao elemento que lhe é subjacente de reserva de recursos. Ao chamamento, apelo ou modo de interpelação que nos leva a agir e pensar assim se sugere o emprego do termo *Gestell*: armação. A armação é, em essência, um processo de posicionamento do ser em que se recolhem todos os entes de modo a fazer cair no esquecimento seus modos anteriores de se tornar presente: noutros termos, é o sentido ou a essência da técnica moderna [tecnologia]. O perigo imediato que habita é o de nos velar totalmente a questão acerca do nosso ser, à medida que ela se impõe de modo cada vez mais concreto em todos os setores da existência.

Desse modo, a caracterização essencial da técnica moderna está noutro lugar, em algo que não é técnico: reside na sua armação como novo princípio de existência, na correspondência do esquecimento de sua condição humana, na progressiva maquinização dos entes em geral, em um evento radical e misterioso, que termina por prescrever ao existente uma forma de vida ordenada, uniforme, calculável e automática.

É na própria essência humana que a armação está instalada ocupando um lugar que pertence apenas ao ser humano, a tal ponto que o ser não mais se reconhece, ou tende a se interpelar unicamente como maquinismo de trabalho, de consumo e de auto-satisfação.

[...] A ameaça que pesa sobre o homem não vem, em primeiro lugar, das máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser eventualmente mortífera. A ameaça propriamente dita já atingiu a essência do homem. O predomínio da armação arrasta consigo a possibilidade ameaçadora de impelir ao homem o volver no sentido de um desenvolvimento mais originário e, assim, o dele [poder] fazer a experiência de uma verdade mais inaugural [...] (HEIDEGGER, 2002, p.30-31)

A palavra armação [*Gestell*] que aparece no texto *Ensaio e Conferência* de Heidegger (2002) indica a *com-posição*, vislumbrada como um equipamento utilizado para a manipulação das palavras. É o que desafia o homem a *des-encobrir* o real no modo da *dis-posição*, como disponibilidade. Mas como entender essa *com-posição* a partir do termo *Gestell* em Heidegger? O próprio autor nos diz:

[...] *Ge-stell* significa a força de reunião daquele pôr que põe, ou seja, que

desafia o homem a descobrir o real no modo da disposição, como disponibilidade. Composição (*Gestell*) denomina, portanto, o tipo de descobrimento que rege a técnica moderna mas que, em si mesmo, não é nada técnico. Pertence ao técnico tudo o que conhecemos do conjunto de placas, hastes, armações e que são partes integrantes de uma montagem. Ora, montagem íntegra, com todas as suas partes, o âmbito do trabalho técnico. Este sempre responde à exploração da disposição, embora jamais constitua ou produza a disposição. (HEIDEGGER, 2002, p.24)

Desse modo, entendemos armação aquilo que opera sobre ou sob a metafísica moderna, talvez o que lhe confira essa condição (moderna) e, como tal, o que secretamente lhe ajuda a assumir o caráter de vontade de poder. Para Heidegger, não resta dúvidas que o *Gestell* é também o termo que caracteriza o cume da modernidade com o aparecimento da técnica moderna dado pelo ‘pensamento violento’: a metafísica, ao ponto de consumação da tradição filosófica.

Segundo Heidegger, a técnica moderna só *apareceu* como mecanismo dominador a partir da inserção nas ciências exatas da natureza iniciada por volta do século XVII, tais como: a matemática, a física, enfim, formas representativas do conhecimento que possibilitaram um caminho que desembocou na exploração. Daí que, surge no homem um apelo para a libertação, pois, a essência da técnica é um perigo por repousar nessa disposição. Isto é, ocasionado pelo destino do descobrimento que não é, em si mesmo, um perigo qualquer, mas o perigo.

O homem, em tempos atuais, está acometido em todos os lados pelo mecanismo da exploração, uma vez que não dá abertura à sua essência no existir a fim de encontrar-se consigo mesmo. Qual seria a atitude do homem, portanto, com relação ao evento decisivo da sua existência ante a técnica moderna? Está aberto ao sentido da existência é de suma importância para que não haja uma perda do sentido do ‘ser humano’. O homem deve manter-se aberto à revelação do evento enquanto histórico decisivo da existência.

Ademais, o perigo não está na técnica como falamos anteriormente, mas o mistério de sua essência é o que impele Heidegger a esta investigação, de modo que não são às máquinas e outros instrumentos, embora mortíferos, que causam a ‘destruição’ humana, mas aquilo que está por trás do aparato técnico, causador da perda de sua essência.

O conceito de *Ge-stell* como essência da técnica moderna nos permite, no entanto, pensar num diagnóstico presente na sociedade tecnológica, de tal forma que nos revela o perigo que ameaça a humanidade em geral. “Ora, onde mora o perigo é lá que também cresce O que salva” (HEIDEGGER, 2002, p.31).

É preciso questionar a técnica, pois, “questionar é a piedade do pensamento”. (HEIDEGGER, 2002, p.38). Também, há uma necessidade para descobrirmos à verdade que nos salva e nos leva a alcançar à liberdade. E como Heidegger define a liberdade? Em suas palavras, sobre a liberdade, o filósofo comenta:

[...] A liberdade rege o aberto, no sentido do aclarado, isto é, do descoberto. A liberdade tem seu parentesco mais próximo e mais íntimo com o dar-se do descobrimento, ou seja, da verdade. Todo descobrimento pertence a um abrigar e esconder. Ora, o que liberta é o mistério, um descoberto que sempre se encobre, mesmo quando se descobre. Todo descobrimento provém do que é livre, dirige-se ao que é livre e conduz ao que é livre. A liberdade do livre não está na licença do arbitrário nem na submissão a simples leis. A liberdade é o que aclarando encobre e cobre, em cuja clareira tremula o véu que vela o vigor de toda verdade e faz aparecer o véu como o véu que vela. A liberdade é o reino do destino que põe o descobrimento em seu próprio caminho [...] (HEIDEGGER, 2002, p.28)

Nesse sentido, Heidegger conduz nosso pensamento não a uma representação da verdade, mas a atentarmos para o perigo a fim de que possamos encontrar essa liberdade que nos salva, já que o perigo da essência da técnica estabeleceu um mecanismo na técnica moderna.

Por conseguinte, na armação, assistimos ao extremo perigo do percurso do mistério do ser humano, escondido entre a abertura para e o fechamento em certos modos de ser ou em certas épocas da história do mundo: essa é a sua questão, esse é o seu problema que ela, a armação, põe a humanidade histórica. O império da técnica (do pensamento tecnológico) sugere que agora há mais chances de se pensar sua essência e, portanto, o ser humano, porque tornando cada vez mais inútil, no limite não restará senão render-nos à piedade do pensamento.

Num cenário onde a humanidade está dominada pelo *Gestell*, o ser está totalmente ausente. O homem afasta-se definitivamente do ser arriscando-se, assim, a perder o seu espaço de liberdade. Ao perder a sua essência, o homem torna-se igual a qualquer outro ente que se encontra na não-ocultação. A essência da técnica moderna,

portanto, é um estado perigoso, mas necessário, para alcançarmos algo de novo, para nos libertarmos do esquecimento do ser.

O *Ge-Stell* heideggeriano é considerado como um ‘primeiro lampejar do *Ereignis*<sup>9</sup>, do *evento* do ser como transpropriação que significa dissolução [do ser] no valor de troca que nos termos da linguagem se entenderia como transmissão e interpretação de mensagens.

Em última análise, *Ge-stell* denota, então, aquele “modo destinal” onde toda a ilusão da metafísica é levada as ultimas conseqüências. É caracterizado, portanto, como ‘supremo perigo’ que anula quaisquer outras formas de desvelamento, ocultando simultaneamente, à sua própria essência de desvelamento e perdendo sua capacidade do sentido do ser.

Na visão de Heidegger, a técnica em si mesma (as máquinas, a energia nuclear, os computadores, a biotecnologia, etc.) não é perigosa, mas o destino de *desvelamento* do ser que rege a técnica. O que há, na verdade, é o mistério de sua essência. Sendo um envio de desencobrimento, a essência da técnica como armação (*Gestell*) é o perigo.

O mundo, todavia, converte-se, assim, em imagem, porque o homem passa a ser determinado como sujeito, e o ser do ente é apreendido via a representação do que pode ser calculado, produzido e planejado. O homem é chamado a agir em função de uma verdade confiada a seus maquinismos, em uma época em que só contam para ele permanência e auto-asseguramento.

Portanto, é nesta provocação entre homem e ser que se poderá iluminar uma saída para fora da metafísica devido a mediocridade do universo técnico. É, precisamente, por esse motivo que, em *A Questão da Técnica*, “aquilo que salva” é caracterizado como o que coloca concordância a reunião essencial do ser como o ser-aí do homem.

## CONCLUSÃO

---

<sup>9</sup> “*Er-eignen*” (acontecer) significa originalmente: “*er-äugnen*”, quer dizer, descobrir com o olhar, despertar com o olhar, apropriar. A palavra acontecimento-apropriação deve, agora, pensada a partir da coisa apontada, falar com palavra-guia a serviço do pensamento. Como palavra-guia assim pensada, ela se deixa traduzir tão pouco quanto a palavra-guia grega *lógos* ou a chinesa *Tao*. (HEIDEGGER, 1979, p.185).

A problemática da técnica moderna e da modernidade como a época da técnica é um tema largamente discutido por Heidegger em suas obras. Dialogando com ele, apresentamos de forma sucinta sobre a questão técnica no pensamento de Heidegger, considerado um dos mais enigmáticos e controverso do século XX em relação ao fenômeno da técnica na modernidade. Conforme procuramos explicitar nas páginas anteriores, Heidegger tem uma preocupação fundamental no que diz respeito à questão da técnica observada como “era da técnica”, no mundo ocidental. Somos sabedores, no entanto, das dificuldades que encontramos para formular a compreensão há pouco citada, e aqui não queremos – nem ousaremos – ocultá-las. A começar pelo pensamento de Heidegger, tão complexo e ao mesmo tempo filosófico que discute a partir de um mistério: o conceito de ser. Seu pensamento oculto demonstra um rico tratado que não se pode perder de vista à meditação da filosofia, o pensar como fundamento da existência humana. Cientes da complexidade filosófica do tema proposto para a elaboração deste artigo, reconhecemos que a leitura sobre a técnica nos remete a pensarmos em nossa própria existência no mundo. Portanto, aqui se ratifica o propósito que expusemos ao introduzir nosso trabalho: possibilitar ao leitor uma nova forma de pensar à realidade tendo em vista as conseqüências da técnica, baseando-se na filosofia de Heidegger, sobretudo no que toca a questão ética.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** (Parte I). Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. 6ª ed. – Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_. **Conferências e escritos filosóficos**. Trad. Ernildo Stein. – São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores)

\_\_\_\_. **Introdução à metafísica**. Trad: Emmanuel Carneiro Leão. 2ª ed. - Rio de Janeiro: Universidade de Brasília, 1978.

\_\_\_\_. **Língua de tradição e língua técnica**. Trad. Mário Botas. 2ª ed. Lisboa: Passagens, 1999.

\_\_\_\_. **“A Questão da Técnica”** In: Ensaios e Conferências. Trad Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_. **Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

GILES, Thomas R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. – São Paulo: EPU, 1989.

OLIVEIRA, Manfredo de Araújo. **A filosofia na crise da modernidade**. 2ª Ed. – São Paulo: Loyola, 1990.

RÜDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica**: Prospectos acerca do futuro do homem. – Porto Alegre: Sulina, 2006.